



*Cristaleira
de Lembranças*



MONICA MEHLER

*Cristaleira
de Lembranças*

Miró
EDITORIAL

São Paulo

2016

Copyright © 2016, 1ª edição.

Monica Mehler

Copyright © 2016 Miró Editorial Ltda.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa,
em vigor desde janeiro de 2009.

Produção Editorial

Miró Editorial

Editor

Márcia Lígia Guidin

Revisões

Cecília Madarás, Eugênia Pessotti

Capa, projeto gráfico e diagramação

WK Editorial

Preparação de texto

Cláudia Gomes

Impressão e acabamento

Bartira Editora Gráfica

Para adquirir esta obra, entre em contato pelo site:

www.miroeditorial.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

M446c Mehler, Mônica

1.ed. Cristaleira de lembranças / Mônica Mehler.

1.ed. – São Paulo: Miró, 2016.

176 p.

Inclui fotografia

1. Biografia - memórias. 2. Imigração. 3. Laços familiares. I. Título.

CDD 920

Índices para catálogo sistemático:

1. Romance: ficção 863

ISBN: 978-85-92721-00-8

Todos os direitos reservados

Miró Editorial Ltda.

Miró
EDITORIAL

Rua Augusta, 2676, cj. 143.

CEP 01413-100 – São Paulo – SP

Tels. (55) (11) 3063-3390 / (55) (11) 3532-3342

Visite nosso site: www.miroeditorial.com.br

Será que os nossos filhos também
herdam a sombra do exílio?



SUMÁRIO

Despedida	11
1 Uma jornada pelo mundo	13
2 Meus pais	17
3 A infância em Buenos Aires	19
4 A vinda ao Brasil	23
5 Meu avô Marco: uma figura <i>sui generis</i>	27
6 Os riscos do comércio	31
7 Novos negócios	34
8 A chegada de Hitler	39
9 Coragem perdida, tudo perdido	42
10 Na França	45
12 Deixando a Espanha	47
13 A casa de Buenos Aires	50
13 Carta a um filho	52
14 Roberto, meu pai	55
15 Um sonho premonitório	61
16 Em Buenos Aires	65
17 Mais uma fábrica	69
18 Meu pai aos 80 anos	71
19 O avô dos meus filhos	73
20 Meus avós maternos	75
21 Minha mãe	80
22 Raíces	85
Narrativa de Marco	89
"Árvore genealógica".	



DESPEDIDA

Desde muito pequena, na Argentina, sempre fui fascinada pelas histórias da família que meus avós, maternos e paternos, me contavam. Tudo tinha para mim um sabor de romance, aventura e paixão.

Aos 5 anos de idade, vim de mudança para o Brasil com meus pais e meu irmão mais novo. Nosso navio era da linha *Moore-McCormack*, e a mais viva lembrança que restou daquela viagem foi ver meus avós maternos, tios e outros amigos de meus pais no cais do porto bem pequeninos – eu agarrada na saia da minha mãe, que chorava muito. Eu também chorava, mas era do medo de que, se minha mãe se debruçasse um pouco mais, ela poderia cair no mar.

Logo percebi que toda a nossa família era de migrar, emigrar, imigrar. Será que os nossos filhos também herdam a sombra do exílio?



UMA JORNADA PELO MUNDO



Monica aos 5 anos na Argentina.

Eu era uma criança extremamente sonhadora, portanto aquela cena de partida da pátria ficou na minha memória e marcou meu desenvolvimento como uma tatuagem.

Por isso, ao longo de toda minha infância e adolescência no Brasil, eu me perguntava por que não tínhamos ficado em Buenos Aires. Por que tivéramos de mudar de país? Ao mesmo tempo, a grande dispersão na família me intrigava: uma tia e um tio viviam em Paris; outra tia em Roma; e havia, ainda, primos espalhados pelo mundo inteiro...



Meus pais, meu irmão e eu, ainda na Argentina.

Minhas amigas da escola tinham uma família enorme, e nós, aqui no Brasil, éramos apenas seis: meu pai, minha mãe, meu irmão, eu e meus avós paternos, que estavam sempre viajando.

Sempre tive muita curiosidade pela vida de pessoas e, em particular, pela história de minha família; assim, quando podia, perguntava a meus avós de onde tinham vindo, como se conheceram, o que haviam vivido etc.

DESCOBERTA

Há poucos anos, minha filha Natasha encontrou um manuscrito em alemão no qual meu avô paterno, Marco Mehler, já com 77 anos, contava sua história de vida; nele havia alguns episódios muito pitorescos, num tom muito bem-humorado. Mandamos traduzir o texto (que reproduzo ao fim deste livro) – e sua leitura me levou a pensar mais sobre a minha família e minha origem.

Meus avós paternos, judeus, vieram da Bukovina, Czernowitz¹, uma região da Europa Central, para a Argentina, e meus avós maternos, também judeus, da Ilha de Rodes², na Grécia, também para Buenos Aires.



Marco e Regina, meus avós paternos.

1 Czernowitz é hoje a capital da província de Chernivtsi, no sudoeste da Ucrânia. A cidade está situada às margens do rio Prut, um afluente do Danúbio, no norte da região histórica de Bukovina, que atualmente está dividida entre Romênia e Ucrânia.

2 Rodes é a maior das ilhas do Dodecaneso, no Mar Egeu, e faz parte da Grécia. Famosa devido ao Colosso de Rodes, estátua considerada uma das sete maravilhas do mundo antigo.



Sadoc e Cata, meus avós paternos.

Com relação a isso, um pensamento sempre me chamou a atenção: como, vindos de lugares tão distantes como a Bukovina e a ilha de Rodes, puderam se encontrar essas duas famílias tão diferentes?

Meus avós paternos, de origem *ashkenazi*, eram pessoas que se viam e agiam como aristocratas, muito cultos, falavam várias línguas, eram apreciadores de música clássica, arte e viajavam muito. Já meus avós maternos, de família *sefaradi*, eram mais comuns, afetivos e carinhosos.

Na Argentina, meus avós paternos tinham um grupo de amigos que se juntava para jogar cartas, e entre eles estavam, justamente, os meus avós maternos, Sadoc e Catalina.

MEUS PAIS

Meu pai, Roberto, trabalhava com meu avô na fábrica que tinham em Buenos Aires; os negócios prosperavam. Ele era um homem forte, bonito e gostava muito de carros e mulheres... Seu gosto era apurado e se vestia com muita elegância.

Conheceu minha mãe, Sara, quando ela trabalhava na oficina de *guardapolvos* (uniformes escolares) de seu pai, meu avô Sadoc. Era uma mulher inteligente, alta e vistosa e, em Buenos Aires, dizem que era chamada pelos pretendentes de “rainha de Sabá”. Tinha feito o curso de perito mercantil, equivalente ao curso de contador, e administrava com muita dedicação a pequena confecção familiar.



Sara, minha mãe.

Casaram-se em 11 de novembro de 1950 e, em 18 de julho de 1954, nascia eu, que, segundo meu pai, era “o bebê mais lindo que ele tinha visto”.

Sobre o meu nascimento, ele contava ainda que demorei muito para nascer, e o médico lhe disse em certo momento que teria talvez de escolher entre o bebê e a mãe. Foram momentos de desespero e impotência, até que finalmente nasci.

Meu segundo nome deveria ser Charlotte, em homenagem à minha bisavó paterna, mãe da avó Regina Rosenbach, que morrera em Auschwitz³. Mas naquela época, na Argentina, os nomes tinham de ser traduzidos então fui registrada como Monica Carlota. Meu irmão Daniel Eduardo nasceria em 16 de novembro de 1956.



Meu irmão Daniel e eu, na praça Buenos Aires, em Higienópolis, São Paulo.

3 Auschwitz é o nome de um complexo de campos de concentração ao sul da Polônia na Alemanha nazista e maior símbolo do Holocausto perpetrado pelo nazismo durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945).

A INFÂNCIA EM BUENOS AIRES



Meu aniversário em Buenos Aires. No bolo, meu nome.

Meus anos de menina em Buenos Aires foram marcados por uma absoluta felicidade, cercada do amor dos avós maternos. Quando ouvia minha avó Cata cantar em ladino⁴, língua também chamada de juseo-espanhol, e ouvir os provérbios de que se lembrava em várias situações, eu ficava fascinada com a sonoridade.

⁴ O judeu-espanhol ou ladino (*El Djudeo-Espanyol*) é uma língua semelhante ao castelhano. Estima-se que ainda seja falado por cerca de 150 mil indivíduos em comunidades sefaraditas em Israel, nos Bálcãs Oriente Médio e norte de Marrocos; também é conhecida como espanhol sefar dita.



Sadoc e Cata no casamento de meus pais.

Muitos judeus de Rodes falavam ladino, idioma que se desenvolveu durante o Império Otomano. Em grandes comunidades judaicas nas cidades de Portugal e da Espanha, foi a língua usada pelos judeus desses países: uma mistura de palavras hebraicas de seu dia a dia com a língua da região onde habitavam, que podia ser o castelhano, o português, o árabe ou até mesmo o catalão.

Eu imaginava um Oriente longínquo, cheio de cores, cheiros e romances, e, além disso, meu avô Sadoc me contava uma história especial. Ele dizia que morava numa perna do Colosso de Rodes e minha avó, na outra. Ao avistá-la pela primeira vez na janela da outra perna, apaixonou-se por aquela linda mulher de olhos azuis.

Como se vê, este meu avô também tinha senso de humor e sabia contar histórias. Eu, criança, acreditava em todas as histórias e só muito mais tarde vim a saber que eles tinham se conhecido em Buenos Aires mesmo.

Era um homem de hábitos simples e gostava de ir todos os sábados à sinagoga Shalom, fundada em 1929 e que era o centro espiritual de judeus vindos principalmente de Rodes, mas também de Esmirna, Salonica, Cós e Gallipoli.

Quando voltava da sinagoga, sentava-se no sofá, e minha avó lhe caçava os chinelos e trazia o aperitivo: um copo de anis e pepinos em conserva. Então, ele nos contava histórias que tinha ouvido na sinagoga.

Nessa mesma sinagoga se casaram meus pais, meu tio Lito (irmão da minha mãe) e meus primos Sarita, Richard e Giselle.

Em Rodes, meu avô morou na Kai Ancha, praça central que ficava na Djuderia, o antigo bairro judaico da cidade. Ali, membros da comunidade conviviam com cristãos, muçulmanos, gregos e turcos, todos sob o domínio do Império Otomano.

Minha avó Cata cozinhava maravilhosamente bem. Tudo o que ela fazia era simplesmente divino: *burekas*, *mostachudos*, e *bollos de espinaca*.

Lembro-me de que na casa deles havia uma cristaleira com uma chave, onde eram guardadas iguarias, como *membri-llo*, *travadikos*, *marzipan* etc. Quando pedíamos que nos desse os doces, ela exclamava sorrindo: “Pero es para la gente!”

Quando nos mudamos para o Brasil, esperávamos ansiosamente pelas férias escolares de julho quando íamos para Buenos Aires, ano após ano. Eram momentos tão esperados que, minha mãe mandou, numa ocasião, fazer um *tailleur* de lã bege debruado com uma passamanaria lindíssima, “só para pegar o avião”.



Minha avó Cata, uma linda mulher.

Eram férias de puro carinho. Pela manhã, minha avó punha tudo de que gostávamos na mesa do café. Almoçávamos e, pela tarde, usávamos nossa *siesta* para vermos antigos filmes argentinos na tevê. Havia um enorme sofá bege, e nós duas deitávamos para assistir aos filmes que tanto amávamos.

Uma lembrança forte é a de quando estreou “La Violetera”, com Sarita Montiel, filme pelo qual eu era fascinada, e por isso devo ter obrigado minha avó a assisti-lo umas 12 vezes – o que ela fazia com a maior alegria. Depois, escolhíamos uma linda *confitería* do bairro e tomávamos nosso *té con media lunas*.

A VINDA AO BRASIL

Contava meu avô paterno Marco que, em 1954, o peronismo já o tinha assustado o suficiente, por isso começou a transferir a sua fábrica para o Brasil.

Logo no primeiro dia de sua chegada à Argentina, fundara uma fábrica de tecidos para sapatos, que acabou se tornando a maior de Buenos Aires. Tudo corria sem percalços, e ele ganhava mais ano a ano, o que lhe permitiu construir sua própria fábrica de sapatos.

Em 1941, transformou suas duas fábricas em sociedades anônimas, e as ações foram colocadas na bolsa de valores. Tudo ia bem até 1954, quando a situação política se deteriorou e Marco passou a temer uma guerra civil, como nos conta em seu manuscrito:

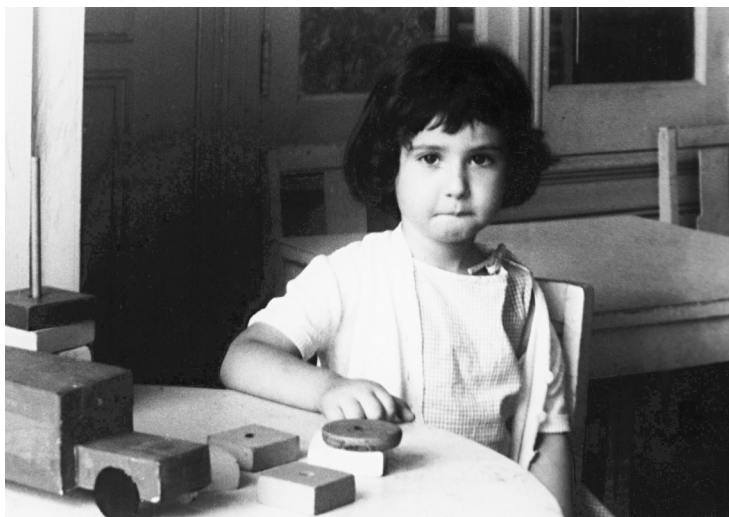
Em minha preocupação, eu raciocinava que se algo desse gênero irrompesse na Argentina o final não seria previsível, pois a guerra civil na Espanha durara quase quatro anos, e a Argentina é quase dez vezes maior; assim, eu pensava, uma guerra civil não duraria quatro anos, mas sim quarenta. Vendi então minhas fábricas e direcionei meus interesses para o Brasil, onde fundei duas prósperas empresas, hoje comandadas por meu filho Roberto.

Mas o que meu avô conta de forma tão sucinta e aparentemente fácil, começou com uma história de sacrifício pessoal, muita luta e muito sofrimento de todos.

Meu pai, já casado, começou a viajar com frequência para São Paulo. Ele me contava que, quando me perguntavam “¿Dónde está tu papá?”, eu apontava para o céu, e as pessoas pensavam: “Coitada da menina, ela é órfã!” Entretanto, eu

apontava para o céu porque era o lugar por onde passavam os aviões que sempre levavam meu pai para longe de mim.

Finalmente, em agosto de 1959, viemos todos para o Brasil e fomos morar na casa do meu avô, na Rua Piauí, até alugarmos um apartamento muito luminoso na Rua Itacolomi, 44, em Higienópolis.



Eu, já no Brasil.

Minhas lembranças são nebulosas, mas o sentimento que associo àquela época era de total estranheza e solidão. Lembro-me de que tínhamos uma empregada baiana, a Judith, com seu dente de ouro, brilhando na frente quando sorria. Ela morria de rir quando, em castelhano, pedia *una cuchara* (colher).

Fomos, aos poucos, tentando nos adaptar ao Brasil. As primeiras amigas que minha mãe fez aqui foram uma costureira portuguesa chamada Anita e uma senhora chamada Erika, dona de uma casa lindíssima na esquina da Rua Piauí com Itambé. Ela alugava um quarto para o gerente da fábrica, que também veio de Buenos Aires, o senhor Gomez.



Senhor Gomez, gerente da fábrica, meu avô Marco e meu pai, à direita.

No Brasil, só se podia começar a alfabetização com 7 anos completos; nasci em 18 de julho, portanto, quando fui para o Colégio Rio Branco, já estava com 7 anos e meio.

Na noite que antecedeu o primeiro dia de aula, sonhei que minha professora era uma moça bonita, alta e loira, além de muito compreensiva. Quando contei isso à dona Soledade, diretora da escola, ela me disse que a professora não era bem assim e, em seguida, me apresentou à dona Maria, uma senhora de cabelos brancos, baixinha e gordinha... Que decepção! E mais: a tal senhora era muito brava, séria e autoritária.

Eu era tímida, e a escola foi uma tortura para mim. Na primeira reunião de pais e mestres, o que pude ver parecia a decepção de meus pais por descobrirem que eu não ia bem, portanto não poderia figurar no quadro de honra.

A partir daquele momento, com muito esforço, me comprometi a melhorar, e isso seria para sempre uma forma de me comunicar e agradar meus pais, que pareciam tão tristes na época.

Nesse primeiro ano, eu também me sentia triste e solitária: uma língua nova, um país novo, gente desconhecida... Eu só iria ter uma professora que se parecia ao meu sonho inicial no terceiro ano primário, dona Maria de Lourdes, uma pessoa que me ajudou a recuperar minha autoestima.

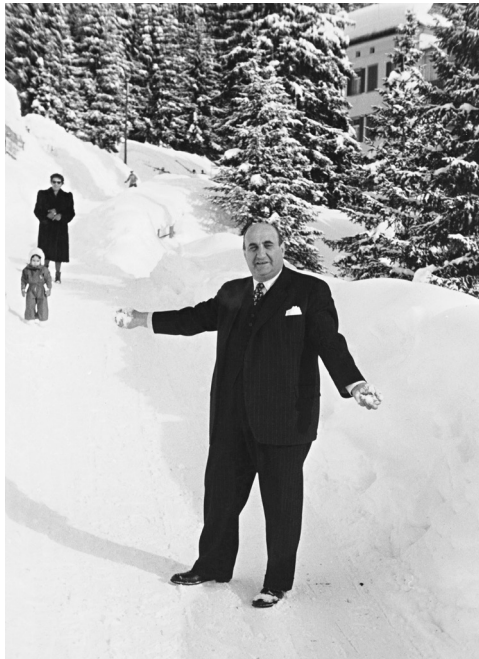
Hoje, penso que eu buscava o afeto que havia deixado em Buenos Aires em cada uma dessas professoras do curso primário, mas também queria muito alegrar minha mãe, e pôr fim à sua tristeza. Ela não sabia português e não conhecia ninguém: suponho que, como eu, deve ter se sentido muito mal no começo dessa adaptação ao país.

Como contei antes, eu sempre perguntava sobre a história da família – com uma espécie de interesse pela arqueologia familiar – e, por isso, fantasiava coisas misteriosas sobre nossa origem.

Creio que nossa dificuldade de fincar raízes, nosso esforço para não nos sentirmos estrangeiros no Brasil talvez tenha uma relação atávica com meu avô paterno.

MEU AVÔ MARCO: UMA FIGURA *SUI GENERIS*

Vou falar um pouco daquele que nos trouxe ao Brasil: meu avô Marco. Era um homem irrequieto, aventureiro e que amava desafios. Emigrou de vários países e se adaptava com muita facilidade a novas situações, ao contrário de mim, meu pai, minha mãe e meu irmão, que sempre sentimos muita saudade de tudo que havíamos deixado em Buenos Aires e nos sentíamos meio estrangeiros no Brasil.



Meu avô Marco, um eterno brincalhão.

Na minha lembrança, Marco era um homem cultíssimo. Ele contava que, no tempo em que morou em Viena, ia a bibliotecas, óperas, teatros e muitas outras atividades culturais. O amor pela música, além de um bom ouvido, tornaram-no dono de uma vasta coleção de discos, que incluía as obras completas de Beethoven, Mozart, Haydn, Verdi, Rossini e Donizetti.

Apesar não ter feito nenhum curso universitário, era paradíssimo para debater vários assuntos com qualquer pessoa. Sua impressionante biblioteca tinha mais de 5.000 livros.

Granpapa (era assim que os netos o chamavam) nasceu em 1900 em Suceava, uma cidadezinha no canto extremo oriental da monarquia austro-húngara, e cresceu falando dois idiomas: o oficial, romeno, e o alemão, como era habitual naquela época, especialmente entre os judeus. Mas como vinha de uma casa judaica tinha aprendido também o íidiche. Embora tenha estudado muito o Talmude e outros livros quando era criança, não entendia hebraico. E contava que recebeu suas primeiras surras na vida por não ser bom aprendiz do Talmude.

Como todas as crianças judias, ele frequentava o Chedder (a escola bíblica judaica) e, como era comum também entre os judeus, aos 10 anos foi matriculado no ginásio alemão. Embora se chamasse ginásio greco-oriental, era alemão, pois o idioma de ensino podia ser alemão, ou mesmo o romeno, para as crianças romenas do entorno da cidade, que eram predominantes.

Após ter cursado os quatro anos da Volksschule, entrou no ginásio alemão, onde, segundo ele, levava o latim muito a sério e decorou, inclusive, a primeira frase latina que aprendeu: *inter pedes puellarum est voluptas perorum* (o prazer dos meninos está entre as pernas das meninas). Essa lembrança já demonstra que desde pequeno Marco era uma pessoa muito ligada aos prazeres da vida. Um verdadeiro hedonista.

Somente num trecho do relato de suas memórias ele se mostra sensível em relação a um certo abandono e sofrimento que sentira com a morte de sua mãe:

O fato é que cedo me tornei órfão de mãe – minha mãe faleceu quando eu tinha onze anos – e minha irmã teve de se ocupar de minha criação, pois não só o pequeno negócio de meu pai o mantinha muito ocupado, como minha formação judaica deveria ser mais valorizada que a minha educação mundana. Desse modo, minha irmã se viu obrigada a assumir a posição de mãe, que, como se verificou posteriormente, ela não conseguia preencher adequadamente.

E prossegue:

Talvez tivesse compreendido melhor se na mesma época não tivesse ficado noiva de um simpático jovem judeu. Por outro lado, como eu também não era nenhum aluno modelo e preferia passar o tempo jogando futebol e traquinando pelos pomares, foi muito difícil a minha irmã mostrar boas qualidades de educadora, nesses anos iniciais.

Como toda criança, Marco conta que passou por situações de sofrimento na escola, antissemitismo, desventuras amorosas, para as quais ele teve pouca ou nenhuma contenção.

No verão de 1914, conta Marco, eclodiu a guerra e instalou-se em sua cidade uma onda de patriotismo que o envolveu também, mas ele não teve outra forma de dar vazão ao seu patriotismo a não ser carregar consigo a mochila ou o rifle de soldados ou reservistas que se encaminhavam para a frente de batalha.

Eu acabara de completar 15 anos, mas, para minha irmã, que só pensava no noivo, eu era um fardo. Assim, rapidamente as circunstâncias tornaram-me uma pessoa mais ou menos madura, pois, conforme hábito da época, nem minha irmã nem meu pai me davam mesada e logo me vi compelido a procurar fontes alternativas de renda. Foi assim que me tornei

um pequeno ladrão, furtando frutas nos jardins vizinhos para vendê-las às crianças em melhor situação. Fiz isso durante um tempo, até que os pequenos furtos não mais renderem o suficiente.

Com a chegada do inverno não havia mais frutas, e meu avô começou a se ocupar com pequenas trocas.

Na fronteira romena, a apenas alguns passos de distância, havia conhecidos e parentes que usavam meus serviços para buscar na cidadezinha fronteiriça romena salame, tabaco ou outras delícias que já escasseavam em Bukovina. Eu o fazia de muito bom grado, pois recebia sempre 10 kreuzers ou mesmo toda uma coroa.

Em todo caso, eu já não dependia mais de minha irmã, que não me tratava bem. Gradualmente tornei-me um grande comerciante e, por vezes, chegava a ganhar até 20 guldens em uma dessas incursões. Pouco a pouco, comecei a ganhar mais e mais até que repentinamente tudo se alterou quando o front chegou mais perto e as tropas russas ocuparam Suceava.

OS RISCOS DO COMÉRCIO

Um dia ele foi surpreendido por um agente da fronteira levando um jornal proibido como contrabando. Foi conduzido à central de comando russo, onde foi espancado e condenado à morte como espião – com data de execução marcada.

Informado, o conselho comunitário judaico se reuniu e o então o prefeito, cidadão muito respeitado, pôde, junto com outros vereadores, solicitar uma audiência ao comandante. Para sorte de Marco, o comandante era um barão báltico, falava alemão perfeitamente e aceitou ouvir sua defesa. Meu avô contou que não era o dono da mercadoria: uma amiga tinha pedido a ele para fazer a entrega. Após ter sido ouvido, foi mandado embora com uma chicotada, e o comandante ordenou que não tornasse a cruzar a fronteira novamente.

Meu avô, porém, jamais foi uma pessoa de obedecer a quem quer que fosse e continuou suas atividades. Foi assim que se tornou um rapaz próspero, que costumava brincar com o dinheiro e, gradualmente, se tornou um capitalista.

Há muito tempo independente da casa paterna, ganhara o respeito até da irmã, pois possuía vários milhares de coroas. Esse e outros negócios que atendiam às necessidades de uma população carente, levaram meu avô a todo tipo de aventuras. Assim, antes dos 16 anos, era dono de sua vida.

É incrível a capacidade de adaptação e resiliência do meu avô. Foi denunciado como espião novamente, pois viajava muito. Ficou na cadeia até 1916 junto com alguns intelectuais, que, segundo ele, foram responsáveis por sua primeira instrução política.